

## Nota Técnica

**Efeitos da Covid-19 na Economia da Cultura no Brasil**Ana Flávia Machado<sup>1</sup>Débora Freire<sup>2</sup>Rodrigo Cavalcante Michel<sup>3</sup>Gabriel Vaz de Melo<sup>4</sup>Alice Demattos Guimarães<sup>5</sup>**JEL: Z11, C67, L82****Sumário Executivo**

- Na perspectiva da pesquisa em Economia da Cultura, especialmente no Brasil, há que se considerar alguns fatores: a diversidade cultural, em razão da dimensão do país e das várias etnias que o formam; a ainda reduzida, quando comparada a outros países, frequência a espetáculos/atividades pagas, em razão da desigualdade na distribuição de renda e de educação; a prevalência de consumo de cultura domiciliar, pela tradição da produção de telenovelas e outros programas televisivos; a presença do setor público no incentivo ao setor cada vez mais comprometida por políticas públicas restritivas ao fomento à cultura;
- Trata-se de um setor de alta complexidade e heterogeneidade, parte é tangível e outra é intangível, alguns produtos são e devem ser únicos e outros estão sujeitos à reprodução. São de natureza pública como também podem ser de propriedade privada. A forma de organização da produção ocorre em diversas modalidades, tais como trabalhadores autônomos, em coletivos, grupos, em instituições públicas, empresas privadas.
- As atividades culturais não são facilmente qualificáveis e, portanto, quantificáveis. Ora utilizaremos uma definição mais estrita de atividades artístico-culturais,

---

1 Professora Associada do Dep. de Ciências Econômicas da UFMG

2 Professora Adjunta do Dep. de Ciências Econômicas da UFMG

3 Doutor em Economia pelo CEDEPLAR/UFMG

4 Mestre em Economia pelo CEDEPLAR/UFMG

5 Mestranda em Erasmus Mundus Joint Master's Degree in Global Markets and Local Creativities

considerando apenas aquelas que são consumidas/fruídas fora do domicílio como ida a cinema, teatro, concertos, shows, visitas a museus, galerias e outros espaços culturais – atividades essas que estão sendo drasticamente atingidas pelas medidas de isolamento social. Ora incluiremos todas as atividades do setor, como os segmentos audiovisual, fonográfico e editorial, por exemplo. Por fim, em razão da definição do IBGE no Sistema de Indicadores e Informações em Cultura, incluímos também serviços de telecomunicações.

- Quanto aos fluxos de produção, observa-se redução da participação do setor no Valor Bruto da Produção entre 2007 e 2017, diminuição contínua das empresas atuando na área, aumento do salário real médio e expressiva presença de trabalhadores nos serviços culturais como trabalhadores autônomos. Segundo os dados da PNAD do último trimestre de 2019, esses autônomos representam 73,2% do total de trabalhadores do setor cultural, caracterizando o aspecto da informalidade presente no setor;
- No que tange à despesa das famílias, verifica-se que, para o total das famílias, a despesa com cultura (monetária e não monetária) representava 7,6% da despesa total. Na classe de renda familiar de até R\$ 1.908,00 mensais, essa participação era de 5,91%, enquanto que, para aquelas famílias com rendimento total acima de R\$ 23.850,00 mensais, de 7,8%, em 2017-2018. Serviços de telefonia, TV por assinatura e internet representam 59,86% da despesa monetária e não monetária em cultura para todas as famílias. Na base da pirâmide, 62,93% e, no topo, 45,88%;
- É de se esperar que nos segmentos do audiovisual, fonográfico e editorial, o impacto do isolamento aumente a demanda por serviços digitais. Contudo, essa variação é de difícil mensuração a partir da disponibilidade de dados no Brasil no atual momento. Para estimar possíveis choques positivos de demanda no setor de consumo cultural doméstico, seria necessário conhecer a variação nos dispêndios realizados pelas famílias nesse contexto, porém, grande parte desses dispêndios ocorrem por intermédio de plataformas *streaming* e *broadcasting* ou de expansão no consumo de dados de internet;
- O instrumental de insumo-produto é uma ferramenta útil para avaliar o impacto da redução das despesas familiares em atividades culturais fora do domicílio em razão do isolamento social, na economia. Os resultados mostram que o setor de atividades artísticas, criativas e de espetáculos tem multiplicador de produção de 1,6, menor que o da média da economia (1,8), mas um pouco maior que aquele observado para o setor de serviços em geral (1,5).
- Para os salários, o setor de atividades artísticas, criativas e de espetáculos apresenta um multiplicador de 1,4. O multiplicador de salário representa o efeito da elevação de R\$ 1 na demanda do setor sobre o pagamento de salários na economia. Assim, cada R\$ 1 de aumento na demanda do setor, gera R\$ 1,4 de salários na economia. Comparativamente com as demais atividades, inclusive do total das atividades

culturais, este efeito é baixo, visto que, na média, os demais setores apresentam multiplicadores mais elevados;

- O multiplicador de valor adicionado das atividades culturais ofertadas fora do domicílio pode ser lido da mesma forma que o de salários: cada R\$ 1 de elevação na demanda do setor gera R\$ 1,6 de valor adicionado na economia. Mais baixo que a média da economia (2,2), este efeito é equivalente à média do setor de serviços como um todo (1,6).
- Cada posto de trabalho gerado no setor gera 1,2 empregos diretos e indiretos na economia; ou, para cada 1 posto de trabalho a menos no setor tem-se 1,2 empregos a menos na economia. O multiplicador de emprego médio para a economia é de 3,1.
- Os resultados de menor impacto das atividades culturais fora do domicílio na economia, comparativamente aos demais setores, retratam o perfil da atividade. Trata-se de um setor com encadeamentos mais fracos, representando cerca de 0,07% do Valor Bruto Total da Economia. Ainda, vale lembrar que aqui analisamos apenas o setor de prestação de serviços culturais fora do domicílio, não captando outras atividades como a indústria fonográfica, cinematográfica e editorial, por exemplo.
- Ao medir o efeito da ausência de despesa familiar em atividades culturais fora do domicílio (redução integral do gasto por três meses) encontramos que, dadas as interdependências setoriais, as atividades mais impactadas negativamente seriam Impressão e reprodução de gravações; Outras atividades profissionais, científicas e técnicas; Atividades de televisão, rádio, cinema e gravação/edição de som e imagem; Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos; Aluguéis não imobiliários e gestão de ativos de propriedade intelectual; Outras atividades administrativas e serviços complementares; Atividades de vigilância, segurança e investigação; Construção; Atividades jurídicas, contábeis, consultorias e sedes de empresas.
- Em termos monetários, o impacto da paralisação da prestação de serviços artísticos e culturais fora do domicílio por três meses seria de queda de R\$ 11,1 bilhões no valor da produção da economia brasileira. Esse impacto implica que, para cada R\$ 1 a menos no setor, tem-se R\$ 1,6 a menos na economia.
- Pelo seu caráter meritório, em momentos como os vividos durante a pandemia de Covid-19, a pertinência da formulação de políticas públicas que incentivem o setor cultural é gritante, sobretudo diante do fato de que todas as atividades artístico-

culturais desenvolvidas fora do domicílio estão paralisadas pelo fechamento dos espaços culturais, e o impacto dessa paralisação se espalha ao longo da cadeia produtiva do setor.

## **Introdução**

A definição de cultura gera muitas polêmicas. Para Throsby (2001), a definição não é trivial, podendo ser traduzida no sentido antropológico e funcional. O primeiro sentido relaciona às crenças, morais, costumes, valores e práticas comuns compartilhados por um determinado grupo social. O funcional denota aquelas atividades e produtos relacionados aos aspectos artísticos, intelectuais e morais da vida humana.

Considerando uma abordagem funcional, depara-se com a complexidade e heterogeneidade presente no setor. Perpassando o caráter simbólico, identitário e cidadão da cultura, o conceito se restringirá às atividades artístico-culturais propriamente ditas ou abrangerá aquelas atividades como jogos digitais, design, publicidade, arquitetura, entre outras, que integram a miríade das chamadas Indústrias Culturais e Criativas? Há ainda autores que incluem as atividades de telecomunicações, uma vez que produção artístico-cultural se tornou conteúdo dos mais diversos produtos digitais transacionados pelo setor de telecomunicações. No conjunto dos chamados “bens culturais” e “serviços culturais”, parte é tangível e outra é intangível, alguns produtos são e devem ser únicos e outros estão sujeitos à reprodução. São de natureza pública como também podem ser de propriedade privada. A forma de organização da produção ocorre em diversas modalidades, tais como trabalhadores autônomos, em coletivos, grupos, em instituições públicas, empresas privadas. Em suma, as atividades culturais não são facilmente qualificáveis e, portanto, quantificáveis.

Em termos de um fluxo funcional, as dimensões poderiam ser quatro: produção; disseminação e divulgação; consumo e fruição; fomento e financiamento. Tais fluxos são objeto de análise da Economia da Cultura a partir de arcabouços teóricos que buscam compreender de que maneira e em que intensidade ocorrem e se articulam. Para cada uma das dimensões, existem variáveis que as descrevem. Entretanto, as variáveis são oriundas de bases diferentes que nem sempre foram construídas com o fim a que se propõe o uso e são escassos os bancos de dados que trazem informações sobre atividades que envolvem cultura em seu sentido funcional.

Para essa Nota Técnica, utilizaremos o Sistema de Indicadores e Informações Culturais do IBGE, divulgado em dezembro de 2019 e que traz compilação de várias bases de dados, como também utilizaremos a Matriz Insumo Produto (MIP) do IBGE de 2015, a última publicada pelo órgão e informações provenientes da PNAD de 2019 e do Google. Nosso objetivo é buscar mensurar o efeito da pandemia de Covid-19 sobre as atividades culturais, aquelas que são consumidas fora do domicílio, isto é, aquelas desenvolvidas em salas de cinema, de teatro, em salas de concerto ou em shows, em museus, em galerias, em festivais e eventos, a céu aberto, entre outros espaços.

Na perspectiva da pesquisa em Economia da Cultura, especialmente no Brasil, há que se considerar alguns fatores: a diversidade cultural, em razão da dimensão do país e das várias etnias que o formam; a ainda reduzida, quando comparada a outros países, frequência a espetáculos/atividades pagas, em razão da desigualdade na distribuição de renda e de educação; a prevalência de consumo de cultura domiciliar, pela tradição da produção de telenovelas e outros programas televisivos; a presença do setor público no incentivo ao setor cada vez mais comprometida por políticas públicas de restritivas ao fomento à cultura, revertendo um ciclo de expansão de suas modalidades e da democratização do acesso iniciado em 2004. Com isso, queremos dizer que a Covid-19 traz efeitos danosos à produção e à frequência de/a atividades culturais fora do domicílio, mas que o setor, de um modo geral, já vinha ressentindo das ações restritivas implementadas na esfera federal desde 2017.

Assim sendo, essa nota se divide em quatro seções, incluindo essa introdução. Na segunda, trazemos uma descrição da produção, em termos de organização do mercado de trabalho, do fomento e do consumo/fruição de cultura. Em seguida, buscamos medir o efeito da Covid-19, simulando, a partir da Matriz e Modelo de Insumo-Produto, o impacto da redução do consumo familiar de cultura fora do domicílio. Por fim, tecemos algumas considerações e sugestões de políticas públicas para mitigar tais efeitos.

## **Breve descrição do setor no Brasil**

Como comentado na seção anterior, apresentamos aqui alguns indicadores relativos aos fluxos econômicos do setor cultural no Brasil, tendo por base a Síntese dos Indicadores em Cultura do IBGE, divulgado em 2019.

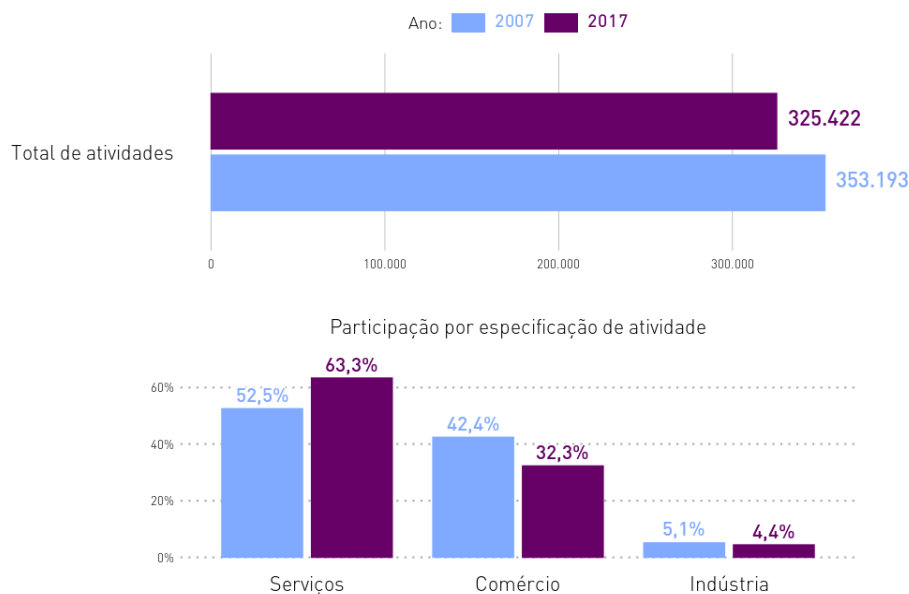
Em 2007, o Valor Bruto da produção do setor cultural<sup>6</sup> foi de aproximadamente 88 bilhões de reais, representando 3,84% do total no Brasil, ao passo que, em 2017, alcançou 199 bilhões de reais, mantendo estável sua participação em 3,89% do Valor Bruto da produção brasileira. Em se tratando das atividades artísticas, criativas e de espetáculos, consideradas aquelas que são consumidas fora do domicílio (alvo de nossa nota técnica), em 2007, o Valor Bruto da produção somou 1,7 bilhões de reais (0,07% do Valor Bruto Total), ao passo que, 2017, chega a 3,1 bilhões, porém com queda na participação no Valor Bruto, ficando em 0,06%.

A participação do setor cultural (aqui em sua definição mais ampla) no total do Cadastro Central de Empresas caiu de 8% em 2007 para 6,5% em 2017. Em números absolutos, eram 353.193 empresas e outras organizações em 2007 e, em 2017, 325.422, representando uma variação relativa de -7,9%.

Em termos da distribuição (participação percentual do setor cultural) entre indústria, comércio e serviços, entre 2007 e 2017, observa-se o aumento da participação de serviços de 52,5% para 63,3%, contrapondo-se à queda da participação dos setores de comércio e indústria. Em números absolutos, esses últimos setores acompanharam a tendência de queda do número de atividades do setor cultural. O setor de serviços culturais, entretanto, aumentou também em termos absolutos. Em 2007 eram 185.383 empresas e organizações, e em 2017, 206.089.

---

6 A definição do IBGE considera atividades de indústria, comércio e serviços direta e indiretamente ligadas à cultura. No cálculo do Valor Bruto da Produção, consideramos apenas as diretas por definição a priori (serviços de telefonia não são todos associados à produção e divulgação de conteúdo artístico-cultural) e em virtude da necessidade de uma melhor compatibilização com critérios na Matriz Insumo Produto, utilizada para a simulação de impacto.



*Figura 1: Empresas e outras organização no setor cultural*

Fonte: IBGE, Cadastro Central de Empresas, 2007/2017.

Vale ressaltar que 2014 representou o ano com maior impacto negativo sobre o setor cultural. Nesse ano, a variação relativa anual foi de -8,2% no número de empresas. O decréscimo se iniciou em 2011 (-2%), com uma relativa recuperação em 2013 (1,9%), e, desde 2014, seguiu negativo, -3,3% em 2015, -2,7% em 2016 e -0,8% em 2017.

Observando o total de pessoal ocupado e assalariado nas atividades do setor cultural, de acordo com os dados do CEMPRE, em 2007, 1.810.345 pessoas estavam ocupadas, sendo que 1.296.822 (72%) eram assalariadas. Em 2017, o número aumentou, sendo 1.940.211 ocupadas e 1.477.181 (76%) assalariadas. Em relação a participação no Cadastro Central de Empresas, esses números representam 4,2% diminuindo para 3,7% entre 2007-2017 do total de empresas cadastradas.

O salário médio mensal real no setor subiu de R\$ 2.953,00 em 2007 para R\$ 3.530,00 em 2017. Destaca-se que, quando analisado pelo tamanho da empresa, esse valor varia significativamente entre as pequenas (0 a 4 empregados) e as grandes (mais de 500 empregados): respectivamente, em 2007, R\$ 1.360,00 e R\$ 4.955,00, e, em 2017, R\$ 1.646,00 e R\$ 5.097,00. Também se observa que, no caso das pequenas unidades, apenas 20% dos ocupados eram assalariados em 2007, enquanto nas grandes empresas essa proporção era de 99,9%. Em 2017, a proporção se mantém a mesma para as grandes empresas e para as pequenas há um aumento para 24%.



Em relação à distribuição do pessoal ocupado na cultura entre indústria, comércio e serviços, assim como as unidades, a maior proporção está empregada neste último setor: 55,9% em 2007 e 65,6% em 2017. Além disso, comparando o total de ocupados com os assalariados, é o setor de comércio que apresenta a maior taxa de informalidade, em 2007 e 2017. Isso de acordo com os dados do CEMPRE, que, por se tratar apenas de empresas, apresenta um maior grau de formalidade – o que não necessariamente é uma característica do setor cultural, como abordamos em seguida.

Quanto aos fluxos de produção, observa-se, portanto, redução da participação do setor no Valor Bruto da Produção entre 2007 e 2017, diminuição contínua das empresas atuando na área, aumento do salário real médio e expressiva presença de trabalhadores nos serviços culturais como trabalhadores autônomos. Segundo os dados da PNAD do último trimestre de 2019, esses autônomos representam 73,2% do total de trabalhadores do setor cultural, caracterizando o aspecto da informalidade presente no setor.<sup>7</sup>

Em se tratando de fomento à cultura, focalizamos nas informações de leis de incentivo e nas despesas orçamentárias das três esferas federais. Segundo a Síntese, o valor captado por programas de incentivo a cultura, passou de R\$ 1.324.925.857,00 em 2011 para R\$ 1.295.026.499,00 em 2018 no Brasil, acarretando redução de 2,25%. Quanto ao número de projetos aprovados na lei de incentivo, houve, no Brasil, redução de 3.752 para 3.241 no mesmo período.

No que tange às Despesas orçamentárias com cultura nas três esferas de governo (União, Estados e Municípios), no Brasil, em 2011, foi de R\$ 7.093.468,00 e, em 2018, R\$ 9.120.189,00, representando 0,3% da despesa total em 2011 e 0,2% em 2018. Tais resultados reiteram que a renúncia fiscal do setor privado por meio das leis de incentivo à cultura tem se tornado a principal fonte de financiamento do setor em detrimento do investimento público nessas atividades.

Quando tratamos da despesa das famílias, notamos que, para o total das famílias, a despesa com cultura (monetária e não monetária) representava 7,6% da despesa total. Na classe de renda até R\$ 1.908,00, essa participação era de 5,91%, enquanto que, para aquelas famílias com rendimento total acima de R\$ 23.850,00, de 7,8%, em 2017-2018.

Serviços de telefonia, TV por assinatura e internet representam 59,86% da despesa monetária e não monetária em cultura para todas as famílias. Na base da pirâmide, 62,93% e, no topo, 45,88%. As atividades de cultura e lazer, que envolvem consumo fora do domicílio,

---

<sup>7</sup> De acordo com a PNAD do último trimestre 2019, considerando o critério de carteira assinada ou não, 86,7% são trabalhadores informais. Porém, faltam informações a esse respeito. Então, considerando apenas aqueles que informaram que trabalhavam por conta própria, o resultado é de 73,2%.

representavam 14,36% da despesa monetária e não monetária em cultura para todas as famílias, 8,52% para a classe de renda mais baixa e 21,7 % para a mais rica.

*Tabela 1 – Despesa monetária e não monetária em cultura por classes de rendimento*

Tipo de Despesa	Classes de rendimento total e variação patrimonial mensal familiar															
	Total		Até R\$ 1.908 (1)		Mais de 1.908 a 2.862		Mais de 2.862 a 5.724		Mais de 5.724 a 9.540		Mais de 9.540 a 14.310		Mais de 14.310 a 23.850		Mais de 23.850	
	Valor	CV	Valor	CV	Valor	CV	Valor	CV	Valor	CV	Valor	CV	Valor	CV	Valor	CV
Despesa de consumo	3764,51	A	1388,29	A	2111,32	A	3221,51	A	5245,63	A	7353,83	A	10832,65	A	18364,67	A
<b>Cultura</b>	<b>282,86</b>	<b>A</b>	<b>82,15</b>	<b>A</b>	<b>136,94</b>	<b>A</b>	<b>237,44</b>	<b>A</b>	<b>422,68</b>	<b>A</b>	<b>606,04</b>	<b>A</b>	<b>869,04</b>	<b>A</b>	<b>1443,41</b>	<b>A</b>
Número de famílias	69.017.704	A	16.737.438	A	13.079.821	A	21.099.497	A	9.509.008	A	4.256.727	A	2.629.450	A	1.705.764	B
Tamanho médio das famílias	3,0	A	2,7	A	2,8	A	3,2	A	3,3	A	3,2	A	3,1	A	3,1	A

Fonte: IBGE, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2017-2018.

A importância desse gasto com serviços culturais digitais (telefonia, TV por assinatura e internet) é ressaltada pelo fato de 64,7% da população com mais de 10 anos, em um período de referência de três meses, em 2016, se constituir em público de internet. Por importância de dispositivo, 94,6% por celular; 63,7% por microcomputador; 16,4% por tablet e 11,7% por TV. Em 2017, 69,8% acessou internet, sendo 97% por celular; 56,6% por microcomputador; 16,7% por TV e 14,3% por tablet. Em 2017, dos que acessavam a internet no Brasil, 81,8% o fizeram também para assistir a filmes, séries, vídeos e programas.

Esse comportamento de fruição da cultura pela digitalização é algo já tratado por muitos especialistas (Scott, 2008; Bakhshi e Throsby, 2012; Alves e Couto, 2019, entre outros). A produção e acesso a conteúdos digitais artísticos-culturais nos últimos trinta anos, especialmente na última década, é notório em quase todo mundo. E, pelos dados acima, não é diferente no Brasil.

Alves e Do Couto (2019) por meio da definição de capitalismo cultural-digital, discorrem sobre o processo de digitalização do simbólico e os impactos e modificações na forma e volume de consumo cultural pelas famílias. De acordo com os autores, existem diferentes graus de digitalização nos diversos segmentos culturais, sendo que os mercados audiovisual, musical, editorial e publicitário são os mais impactados pelos processos digitais e, por isso, passam por maior penetração dos serviços culturais-digitais. Assim, é de se esperar que nesses segmentos (mais especificamente audiovisual, musical e editorial), o impacto do isolamento aumente a demanda por serviços digitais.

Contudo, essa variação é de difícil mensuração a partir da disponibilidade de dados no Brasil no atual momento. Para estimar possíveis choques positivos de demanda no setor de consumo cultural doméstico, seria necessário conhecer a variação nos dispêndios realizados pelas famílias nesse contexto, porém, grande parte desses dispêndios ocorrem por intermédio de plataformas

*streaming e broadcasting* ou de expansão no consumo de dados de internet. Geralmente, a compra dessas assinaturas apresenta um valor fixo, independentemente da quantidade de conteúdo consumida. Assim, uma expansão no consumo de conteúdo cultural não significa necessariamente, em um curto período de tempo, expansão dos dispêndios e possíveis choques positivos de demanda. Destarte, para o presente estudo optou-se por não incluir a expansão do consumo cultural dentro do lar como um choque de demanda na matriz insumo-produto.

Nesse contexto, ao se analisar os impactos econômicos do isolamento social advindo da pandemia de Covid-19 na cultura, faz-se necessário compreender o consumo cultural em suas diferentes vertentes. O isolamento social leva a drástica, senão completa redução dos dispêndios das famílias com cultura fora do lar. Atividades como espetáculos, cinemas, teatros, shows, dança, em museus e afins tiveram sua demanda interrompida. Para tanto, mostramos pela busca de interesse no Google que temas relacionados a cinema e a teatro caem drasticamente em meados de março de 2020, aproximando-se de zero<sup>8</sup>, conforme Figura 2.

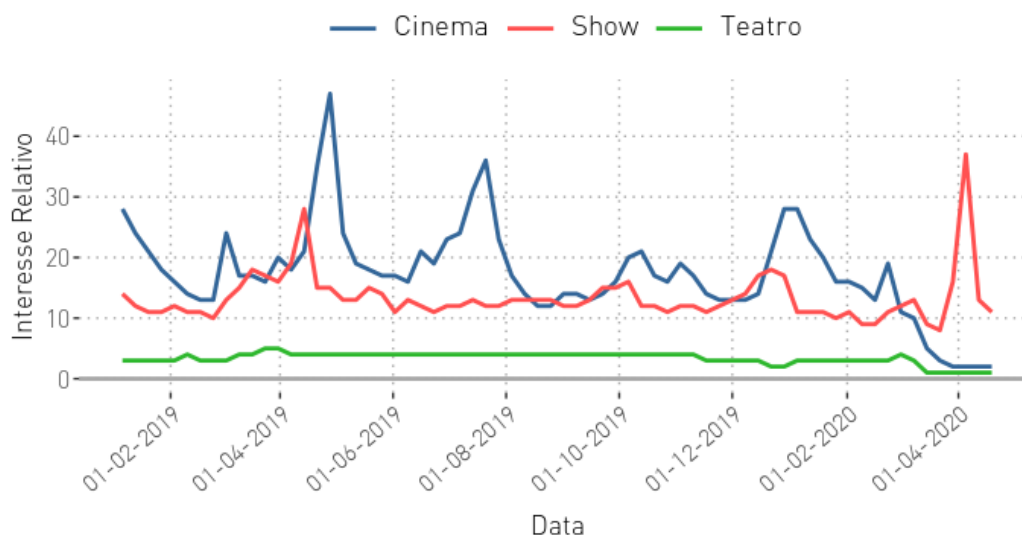


Figura 2: Buscas por atividades culturais no Brasil

Fonte: Google Trends.

Por outro lado, o consumo de cultura dentro do lar tende a ser impactado positivamente, inclusive por questões de substituição. Vale ressaltar também que o aumento do consumo de cultura dentro do lar pode vir a representar formação de público para o setor, porém para desenhar maiores

8 Segundo a mesma fonte, a busca por lives no Brasil no Google aumentou 1200% entre a primeira quinzena abril de 2019 e a primeira do mesmo mês em 2020.

conclusões nesse sentido seria necessário, por exemplo, aplicações de questionários, o que foge do escopo dessa nota técnica.

Em razão da base de dados e dos problemas já levantados sobre a dimensão dessa substituição e formação de público, não discorreremos sobre esse aspecto no presente trabalho. O nosso foco e objetivo aqui é projetar o impacto da pandemia de Covid-19 e a consequente redução no consumo cultural das famílias fora do domicílio na economia. Na próxima seção, mostramos esse impacto.

## **Impactos econômicos da redução do consumo de atividades culturais pelas famílias fora do domicílio**

As cadeias produtivas afetadas pela crise de Covid-19 tendem a amplificar os impactos da redução de atividade por toda a economia. A aplicação do instrumental de insumo-produto (IP) é uma forma de caracterizar esses efeitos. Para o setor cultural, os indicadores de IP (multiplicadores de produção, renda do trabalho, valor adicionado e emprego) mostram como essa atividade se inter-relaciona com as demais, em termos das suas interdependências setoriais, caracterizando a importância do setor para a geração de produção, emprego e renda na economia como um todo. Ainda, possibilita mensurar os impactos na economia advindos da paralisação das atividades do setor.

Nesta seção utilizamos a matriz insumo produto (MIP) do IBGE de 2015<sup>9</sup> para mensurar, a partir do modelo de insumo-produto, a importância dos serviços de cultura prestados fora do domicílio na economia brasileira e o impacto da paralisação desse setor. É importante ressaltar que o setor cultural em análise no modelo de insumo produto se restringe às atividades artísticas, criativas e de espetáculos prestadas fora do domicílio.<sup>10</sup> Portanto, a caracterização do setor é menos abrangente do que aquela apresentada na seção anterior.

O modelo de insumo-produto de Leontief dá fundamentação teórica a este estudo e apresenta-se como uma adaptação da teoria neoclássica de equilíbrio geral para o estudo empírico das inter-relações entre os vários setores de uma economia. A teoria de insumo-produto baseia-se

---

9 Esta é a MIP mais recente divulgada pelo IBGE.

10 Neste segmento do setor da cultura, estamos abordando apenas as atividades de idas a cinemas, teatros, concertos, shows, visitas a museus, a galerias de artes, isto é, todas atividades culturais realizadas fora do domicílio. Não consideramos os eventos esportivos na simulação.

em alguns pressupostos que correspondem a uma simplificação do modelo walrasiano, como: equilíbrio geral na economia a um dado nível de preços; ausência de ilusão monetária; retornos constantes à escala; e preços constantes. Para maiores detalhes ver Miller e Blair (2009).

A Tabela 2 exhibe os multiplicadores calculados no modelo de insumo-produto para o Brasil para o setor de interesse deste estudo - atividades artísticas, criativas e de espetáculos – e também os multiplicadores médios da economia e setores agregados, como agropecuária, indústria de transformação e serviços. Embora esta não seja a intenção deste estudo, essa disposição de resultados visa permitir uma análise comparativa do impacto do setor de atividades culturais ofertadas fora do domicílio com os demais setores da economia.

O multiplicador de produção, indicador mais utilizado nas análises de insumo-produto, capta o efeito da expansão da demanda final de determinado setor na produção da economia. Assim, o setor de atividades artísticas, criativas e de espetáculos tem multiplicador de produção de 1,6, o que indica que para cada R\$ 1 de expansão da demanda do setor são gerados R\$ 1,60 na economia. R\$ 1 é o impacto direto do aumento da produção no setor para atender ao aumento da demanda, R\$ 0,60 é o impacto indireto que decorre do aumento da produção neste setor sobre as demais atividades, dadas as interdependências setoriais. O multiplicador de produção do setor é menor que o da média da economia (1,8), mas está um pouco acima do multiplicador de produção do setor de serviços em geral (1,5). De modo geral, os maiores efeitos multiplicadores de produção estão em setores da indústria, dada a elevada compra de insumos de outros setores (cadeia produtiva mais intensa).

Para os salários, o setor de atividades artísticas, criativas e de espetáculos apresenta um multiplicador de 1,4. O multiplicador de salário representa o efeito da elevação de R\$ 1 na demanda do setor sobre o pagamento de salários na economia. Assim, cada R\$ 1 de aumento na demanda do setor, gera R\$ 1,4 de salários na economia. Comparativamente com as demais atividades, inclusive do total das atividades culturais, este efeito é baixo, visto que, na média, os demais setores apresentam multiplicadores mais elevados. A média da economia, por exemplo, é de R\$ 2,2 gerados de salários para cada R\$ 1 de aumento na demanda final. O impacto do multiplicador também pode ser lido de maneira contrária: cada R\$ 1 a menos de demanda do setor de atividades artísticas, criativas e de espetáculos gera R\$ 1,4 a menos de salários na economia.

O multiplicador de valor adicionado das atividades culturais ofertadas fora do domicílio pode ser lido da mesma forma que o de salários: cada R\$ 1 de elevação na demanda do setor gera R\$ 1,6 de valor adicionado na economia. Mais baixo que a média da economia (2,2), este efeito é equivalente à média do setor de serviços como um todo (1,6).

O multiplicador de emprego, por sua vez, mostra que, comparativamente à economia, o efeito gerador do setor de atividades artísticas, criativas e de espetáculos é baixo. Cada posto de trabalho gerado no setor gera 1,2 empregos diretos e indiretos na economia; ou, cada posto de trabalho a menos no setor gera 1,2 empregos a menos na economia. O multiplicador de emprego médio para a economia é de 3,1.

*Tabela 2: Multiplicadores da matriz de Insumo-Produto, Brasil, 2015*

Setores	Multiplicadores			
	Produção	Renda	Valor adicionado	Emprego
<b>Atividades artísticas, criativas e de espetáculos</b>	<b>1,6</b>	<b>1,4</b>	<b>1,6</b>	<b>1,2</b>
Média da agropecuária	1,6	1,9	1,4	1,2
Média da indústria de transformação	2,0	2,6	2,8	4,3
Média do setor de serviços	1,5	1,6	1,6	1,9
Média da economia	1,8	2,2	2,2	3,1

Fonte: Elaboração dos autores.

Os resultados de menor impacto das atividades culturais fora do domicílio na economia, comparativamente aos demais setores, retratam o perfil da atividade já detalhado na seção anterior. Trata-se de um setor com encadeamentos mais fracos, representando cerca de 0,07% do Valor Bruto Total da Economia, rendimento médio relativamente mais baixo e que ainda tem participação pequena no consumo total das famílias, em especial devido à nossa elevada desigualdade de renda, que limita o acesso a esses serviços por grande parte da população brasileira. Ainda, vale lembrar que aqui analisamos apenas o setor de prestação de serviços culturais fora do domicílio, não captando outras atividades como a indústria fonográfica, cinematográfica e editorial, por exemplo.

É importante notar, no entanto, que embora o setor não exerça encadeamentos expressivos, comparativamente a outros setores, trata-se de uma das atividades mais atingidas pela paralisação gerada pelo isolamento social. Podemos dizer, com alguma certeza, que se trata de um setor que teve praticamente 100% de suas atividades paralisadas em decorrência da pandemia de Covid-19, já que as atividades prestadas (shows, apresentações, eventos) envolvem aglomerações. Assim, consideramos relevante avaliar o impacto dessa paralisação sobre a economia.

A partir do modelo de insumo produto, simulamos a queda de 100% do consumo das famílias dessa atividade por três meses. Trabalhamos com este cenário como um impacto mínimo, visto que o tempo de isolamento e de cautela com eventos que envolvem aglomerações ainda é incerto.

A Tabela 3 mostra os impactos da paralisação das atividades artísticas, criativas e de espetáculos por três meses na produção do próprio setor, nos demais setores e na economia brasileira como um todo. A paralisação total dessas atividades por três meses geraria uma queda de 21,2% no valor bruto da produção do próprio setor (no ano) e de 0,17% na economia (no ano).

Dadas as interdependências setoriais, as atividades mais impactadas negativamente devido à paralisação da prestação de serviços artísticos e culturais fora do domicílio seriam Impressão e reprodução de gravações; Outras atividades profissionais, científicas e técnicas; Atividades de televisão, rádio, cinema e gravação/edição de som e imagem; Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos; Aluguéis não imobiliários e gestão de ativos de propriedade intelectual; Outras atividades administrativas e serviços complementares; Atividades de vigilância, segurança e investigação; Construção; Atividades jurídicas, contábeis, consultorias e sedes de empresas. De modo geral, as atividades como maiores quedas no valor da produção seriam setores de serviços relacionados à atividade de consumo cultural fora do lar.

Em termos monetários, o impacto da paralisação da prestação de serviços artísticos e culturais fora do domicílio seria de queda de R\$ 11,1 bilhões no valor da produção da economia. Esse impacto implica que, para cada R\$ 1 a menos no setor, tem-se R\$ 1,6 a menos na economia.

*Tabela 3: Impacto da paralisação do setor de atividades artísticas, criativas e de espetáculos na economia brasileira*

Setores	VBP Inicial	VBP Final	Variação em R\$ milhões	Variação em %
Atividades artísticas, criativas e de espetáculos	33.681	26.546	-7.136	-21,19%
Impressão e reprodução de gravações	12.928	12.858	-70	-0,54%
Outras atividades profissionais, científicas e técnicas	71.286	70.944	-342	-0,48%
Atividades de televisão, rádio, cinema e gravação/edição de som e imagem	34.401	34.249	-152	-0,44%
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	28.599	28.494	-105	-0,37%
Aluguéis não imobiliários e gestão de ativos de propriedade intelectual	26.453	26.377	-76	-0,29%
Outras atividades administrativas e serviços complementares	94.898	94.646	-252	-0,27%
Atividades de vigilância, segurança e investigação	20.138	20.093	-46	-0,23%
Construção	21.884	21.836	-48	-0,22%
Atividades jurídicas, contábeis, consultoria e sedes de empresas	127.914	127.649	-265	-0,21%
Desenvolvimento de sistemas e outros serviços de informação	34.431	34.362	-69	-0,20%
Administração pública, defesa e seguridade social	27.679	27.625	-54	-0,20%
Atividades imobiliárias	511.729	511.100	-629	-0,12%
Energia elétrica, gás natural e outras utilidades	242.473	242.195	-279	-0,11%
Alojamento	17.507	17.488	-20	-0,11%
Metalurgia de metais não ferrosos e a fundição de metais	19.088	19.068	-20	-0,10%
Transporte aéreo	25.128	25.104	-24	-0,10%
Extração de minerais metálicos não ferrosos, inclusive beneficiamentos	2.199	2.197	-2	-0,09%
Água, esgoto e gestão de resíduos	41.062	41.029	-32	-0,08%
Fabricação de máquinas e equipamentos mecânicos	21.975	21.958	-17	-0,08%
Extração de minério de ferro, inclusive beneficiamentos e a aglomeração	2.238	2.236	-2	-0,07%
Produção de ferro gusa/ferroligas, siderurgia e tubos de aço sem costura	30.913	30.892	-22	-0,07%
Fabricação de produtos de minerais não metálicos	27.620	27.602	-18	-0,07%
Comércio por atacado e varejo	388.470	388.220	-250	-0,06%
Intermediação financeira, seguros e previdência complementar	479.170	478.867	-303	-0,06%
Educação pública	2.221	2.220	-1	-0,06%
Extração de carvão mineral e de minerais não metálicos	6.200	6.196	-4	-0,06%
Serviços de arquitetura, engenharia, testes/análises técnicas e P & D	28.786	28.770	-17	-0,06%
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	55.689	55.658	-31	-0,06%
Transporte aquaviário	11.310	11.304	-6	-0,05%
Edição e edição integrada à impressão	23.204	23.192	-11	-0,05%
Transporte terrestre	268.052	267.923	-129	-0,05%
Armazenamento, atividades auxiliares dos transportes e correio	82.037	81.999	-39	-0,05%
Fabricação de produtos da madeira	17.408	17.400	-8	-0,05%
Telecomunicações	171.306	171.227	-79	-0,05%
Fabricação de defensivos, desinfestantes, tintas e químicos diversos	50.146	50.123	-23	-0,05%
Fabricação de máquinas e equipamentos elétricos	57.452	57.428	-25	-0,04%
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	54.547	54.524	-22	-0,04%
Fabricação de produtos de limpeza, cosméticos/perfumaria e higiene pessoal	87.477	87.444	-33	-0,04%
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	84.305	84.275	-30	-0,04%
Fabricação de químicos orgânicos e inorgânicos, resinas e elastômeros	105.782	105.746	-36	-0,03%
Extração de petróleo e gás, inclusive as atividades de apoio	114.816	114.777	-38	-0,03%
Refino de petróleo e coquerias	398.154	398.041	-112	-0,03%
Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores	42.242	42.232	-10	-0,02%
Confecção de artefatos do vestuário e acessórios	141.818	141.785	-33	-0,02%
Fabricação de móveis e de produtos de indústrias diversas	112.970	112.947	-23	-0,02%
Fabricação de outros equipamentos de transporte, exceto veículos automoto	22.338	22.335	-3	-0,02%
Organizações associativas e outros serviços pessoais	94.454	94.440	-13	-0,01%
Fabricação de produtos têxteis	88.579	88.567	-12	-0,01%
Fabricação de biocombustíveis	52.044	52.037	-7	-0,01%
Fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	90.271	90.260	-11	-0,01%
Fabricação e refino de açúcar	40.638	40.633	-4	-0,01%
Educação privada	107.173	107.162	-11	-0,01%
Alimentação	229.390	229.369	-22	-0,01%
Produção florestal; pesca e aquicultura	32.941	32.938	-3	-0,01%
Fabricação de bebidas	111.249	111.239	-10	-0,01%
Agricultura, inclusive o apoio à agricultura e a pós-colheita	250.761	250.746	-15	-0,01%
Outros produtos alimentares	322.871	322.854	-17	-0,01%
Fabricação de produtos farmacêuticos e farmacêuticos	90.997	90.994	-4	0,00%
Pecuária, inclusive o apoio à pecuária	136.506	136.503	-4	0,00%
Saúde pública	1.812	1.812	0	0,00%
Abate e produtos de carne, inclusive os produtos do laticínio e da pesca	296.010	296.004	-5	0,00%
Saúde privada	181.142	181.139	-3	0,00%
Fabricação de calçados e de artefatos de couro	65.230	65.229	-1	0,00%
Fabricação de automóveis, caminhões e ônibus, exceto peças	147.796	147.794	-2	0,00%
Fabricação de produtos do fumo	23.622	23.622	0	0,00%
Serviços domésticos	61.996	61.996	0	0,00%
<b>Total</b>	<b>6.707.606</b>	<b>6.696.521</b>	<b>-11.085</b>	<b>-0,17%</b>

Fonte: Elaboração dos autores.



Conforme ressaltamos na seção anterior, com o isolamento pode estar ocorrendo um deslocamento de parte do consumo de eventos culturais fora do domicílio para atividades de serviços digitais. Essa compensação, no entanto, é de difícil mensuração, já que, não é possível aferir com exatidão ou aproximação a expansão monetária desse consumo, uma vez que, pelo menos a princípio, não envolve gastos adicionais das famílias, visto que grande parte dos serviços já está contratada. Para mensurar este impacto precisaremos avaliar este evento *ex-post*, de posse de informações das plataformas digitais a respeito do consumo monetário das famílias neste período.

## **Considerações finais**

Pelo seu caráter meritório, de expressão de valores e tradições, informacional, de estímulo à criatividade e de entretenimento da população, o setor cultural de um país deve ser impulsionado por meio de políticas públicas que garantam sua produção, divulgação e geração de renda para aqueles nele ocupados. Em momentos como os vividos durante a pandemia de Covid-19, a pertinência da formulação de políticas públicas que o incentivem é gritante, posto que todas as atividades artístico-culturais desenvolvidas fora do domicílio estão paralisadas pelo fechamento dos espaços culturais, e, conforme mostrou este estudo, o impacto dessa paralisação se espalha ao longo da cadeia produtiva do setor. Sendo assim, sugerimos propostas ou reiteramos algumas já feitas por parlamentares da esfera federal, por Secretarias estaduais e ou municipais de Cultura.

### *Medidas de curto prazo:*

- pagamento de renda mínima para os artistas e trabalhadores que apoiam a produção artística-cultural como técnicos de montagem, de cenografia, de som, entre outros, haja visto que mais de 70% são autônomos;
- suspensão de pagamentos de contas de serviços públicos, como energia e água, pelo tempo em que os estabelecimentos culturais estiverem fechados;
- exoneração fiscal dos tributos diretos, como IPTU, IRPF, IRPJ;
- dilatação de prazos referentes ao cumprimento de projetos financiados por leis de incentivo e/ou editais públicos e privados;
- abertura de programa de crédito subsidiado para assegurar sustentabilidade da produção artística, como produção de textos, de roteiros, de projetos cenográficos e coreográficos, entre outros;

- abertura de editais para fomentar produção artística cultural veiculada nas redes sociais e internet.

*Medidas de médio prazo:*

- planejar o retorno dessas atividades de modo a assegurar sustentabilidade econômica do setor e confiança do público quanto às medidas preventivas em relação a aglomerações;

- manter renda mínima e apoios de curto prazo até o restabelecimento de autonomia financeira;

- expansão do investimento público em atividades artístico-culturais, priorizando as regiões mais pobres e que contam com menor participação da iniciativa privada;

- retomar políticas de formação de público e democratização de acesso, aproveitando também da oportunidade que o acesso à cultura pela internet trouxe durante o isolamento social;

- formular políticas públicas transversais que estimulem atividades artístico-culturais combinadas a dois outros setores, o da educação e do turismo;

## **Referências**

ALVES, Elder Patrick Maia; DO COUTO, Bruno Gontyjo. O consumo cultural-digital das famílias brasileiras. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 21, n. 3, 2019.

BAKHSI, H., THROSBY, D. New technologies in cultural institutions : theory, evidence and policy implications **International Journal of Cultural Policy**, Vol. 18, Issue 2, (2012), p.205-222

MILLER, R. E.; BLAIR, P. D. **Input-Output Analysis: Foundations and Extensions**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2009.

SCOTT, A. J. 2008. **Social Economy of the Metropolis: Cognitive-Cultural Capitalism and the Global Resurgence of Cities**. New York: Oxford University Press.

THROSBY, D. **Economics and Culture**. Cambridge University Press. Introduction, 2001.